

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ “AFONSO X E A GALÍCIA”

Organizadoras:

Marta de Carvalho Silveira
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Programa de Pós-graduação em História da UERJ
Programa de Estudos Medievais da UERJ

Rosiane Graça Rigas Martins
Secretaria dos Comitês de Cultura - Ministério da Cultura
Programa de Estudos Medievais da UERJ
Programa de Estudos Medievais da UFRJ

Em Novembro de 2023 foi realizada, no Rio de Janeiro, a exposição *Afonso X e a Galícia*, sob a curadoria da Xunta da Galicia e abrigada na Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Da comissão de organização do evento participaram diversos grupos de pesquisa, dentre eles os Programas de Estudos Medievais da UFRJ e da UERJ. Neste dossiê reunimos alguns dos trabalhos apresentados nas mesas-redondas realizadas durante o evento e convidamos alguns medievalistas brasileiros que têm se dedicado a estudar a história medieval peninsular nos últimos anos.

Nosso objetivo, com esse dossiê, é trazer a público o impacto que a obra afonsina tem gerado na medievalística brasileira, que tem explorado as diversas e profícias produções históricas, jurídicas, tratadísticas e literárias constituídas na corte do rei castelhano-leonês, Afonso X, que não sem mérito, recebeu a alcunha de Sábio. Contudo, essa obra de tão magnitude não deve ser atribuída somente ao gênio do monarca, mas à sua capacidade de reconhecer e apropriar-se da riqueza cultural que caracterizou o espaço peninsular na Idade Média, constituída com base na interação das comunidades cristãs, muçulmanas e judaicas promovida, por mais diversos sujeitos, nos ambientes intelectuais das madrassas, escolas de tradução, universidades e monastérios, onde o trânsito de manuscritos e de sábios era frequente e intenso.

Esse ambiente culturalmente intenso e rico cercou Afonso X desde a infância. Ao tornar-se infante e depois rei, o monarca não só incorporou esse legado cultural às ações implementadas em sua corte, mas também contribuiu para o seu incremento

produzindo e patrocinando novas obras nos mais diversos campos do saber. Obras que ultrapassaram a fronteira do seu reino, influenciando a política e a cultura de outros reinos peninsulares e do Ocidente medieval no contexto do século XIII e nos anos seguintes.

Contribuindo para a divulgação do legado político-cultural afonsino, o dossiê que aqui se apresenta, então, reúne proposições e análises acerca da produção artística, jurídica e tratadística afonsina em diversos níveis, assim como foi diversa a produção legada a nós pelo monarca.

Explorando uma faceta ainda pouco conhecida de Afonso X na medievalística brasileira, Aline Dias da Silveira, situando o monarca em um contexto de entrelaçamentos transculturais do movimento do saber mágico e necromante dos séculos XII e XIII. Em seu artigo *Afonso X, o rei estrellero*, Aline Silveira identifica reconhece a influência que o saber astromágico desempenhou na corte afonsina, em conexão com a mística judaica e muçulmana, e para analisá-la, utiliza-se, como metodologia, da hermenêutica fenomenológica e da comparação conectiva, a partir da qual viabiliza o estudo da astromagia em Toledo e as suas relações com a necromancia desenvolvida em ambiente clerical e cortesão existentes em outras regiões da Europa.

Em um caminho próximo ao de Aline Silveira segue o artigo *O Lapidário de Afonso X e o projeto político-cultural afonsino*, onde Marta de Carvalho Silveira apresenta ao público uma das obras mais intrigantes e instigantes traduzida na corte afonsina. O *Lapidário de Afonso X*, um tratado geológico traduzido no *scriptorium* afonsino a partir de um manuscrito escrito em árabe, mas de origem hebraica, apresenta informações acerca da forma como pedras poderiam ser utilizadas para fins curativos e mágicos, se manipuladas nas condições astrológicas/astronômicas indicadas para a potencialização das suas virtudes. Considerando que Afonso X, e os membros do seu *scriptorium*, partilhavam de uma visão particular da monarquia, em que o rei era o cabeça do corpo social e, consequentemente responsável pela manutenção do equilíbrio e da saúde dos seus súditos, Marta Silveira analisa o prólogo da obra, no qual a relação entre o macrocosmo e o microcosmo foi fundamentada e o papel do monarca como o ponto emanador da autoridade sobre o corpo social, propagado.

Debruçando-se também sobre a questão da autoridade régia e das relações analógicas presentes nas obras político-jurídicas afonsinas, Janaína de Fátima Zdebskyi,

em seu artigo *A imagem do sagrado feminino no Setenário de Afonso X*, lança um olhar diferenciado sobre uma fonte jurídica, o *Setenário*, para investigar de que forma o arquétipo do feminino sagrado, de deusas ligadas à sexualidade e à guerra no Oriente Antigo, é presentificado na imagem de Maria. Janaína Zdebskyi considera que a imagem de Maria apresentada na obra ecoa um ideal de feminino sagrado que, apesar de temporalmente distantes, encontrava-se vívido na cultura medieval, contudo de forma ressignificada e de acordo com as demandas e perspectivas intelectuais do contexto castelhano do século XIII.

Explorando uma outra faceta da obra afonsina, Lenora Pinto Mendes, em seu artigo *As Cantigas de Santa Maria de Afonso X – memória e religiosidade*, apresenta uma das obras mais significativas produzidas na corte afonsina e que recebeu do monarca especial atenção e cuidado ao longo de toda a sua vida. Trata-se de uma coletânea de narrativas de milagres e poesias devocionais onde estão presentes histórias vindas do Oriente, reescritas e musicadas na forma de cantigas, e histórias locais de pessoas comuns de diversas classes sociais transformadas em poesia e música. Lenora Mendes considera que a análise das *Cantigas* abre possibilidades para quem se propor a descortinar uma rica imagem do mundo e do imaginário medieval.

Para além do imaginário medieval, a obra literária afonsina oferece a possibilidade de investigação de outras temáticas relevantes para a compreensão da sociedade na Idade Média. Um desses caminhos analíticos foi explorado por Henrique Marques Samyn em seu artigo *O primado da coor: para uma nova interpretação de “nom quer’eu donzela fea” [b 476], de D. Afonso X*, no qual se propôs a discutir os dispositivos de racialização dos corpos presentes no ideário ibérico medieval, visto que a dita “donzela fea” (“donzela feia”) representada na cantiga “nom quer’eu donzela fea” é, em primeiro lugar, uma mulher “negra come carvom” (“negra como carvão”), sendo essa negrura um atributo essencial, e as outras indicações qualificativas acerca da personagem apresentadas, de forma secundária, em relação ao atributo da racialização.

A riqueza de temáticas que envolvem a análise das cantigas também foi explorada por Guilherme Antunes Junior em seu artigo *Cantigas de Santa Maria de Alfonso X: possibilidades comparativas para uma história medieval da alimentação*. Cujo foco é justamente analisar, com base em um estudo comparativo de duas cantigas patrocinadas por Afonso X e onde o furto de víveres é uma temática comum, as representações

literárias, presentes na obra e relativas à alimentação, e as distinções socioeconômicas existentes na sociedade medieval. Guilherme Antunes identifica nessa literatura, portanto, elementos que reforçam a noção da alimentação como uma prática social e as distinções sociais que envolvem o acesso ao consumo dos bens alimentares tanto para fins estéticos quanto nutritivos.

Seguidos aos artigos diretamente relacionados à análise de obras produzidas na corte afonsina, seguem-se dois outros que, pelas temáticas e espaços abordados, se referem ao mundo ibérico medieval e dialogam, mesmo que indiretamente, com o contexto castelhano do século XIII. O artigo *Crônicas Ibéricas do Século VIII: uma proposta comparada*, de Rodrigo dos Santos Rainha revisita a literatura cronística ibérica para analisar o processo de elaboração da memória e a construção da identidade peninsular endossado por crônicas bizantino-arábicas e a *Crônica Moçárabe de 754*. Partindo de uma análise comparativa e de uma perspectiva historiográfica crítica, Rodrigo Rainha questiona a visão tradicional da “invasão árabe-islâmica” e propõe um entendimento renovado acerca deste processo que influenciou a constituição identitária ibérica ao longo da Idade Média e nos períodos subsequentes.

Focando nas relações de gênero e na sua conexão com a temática da violência, Marcelo Pereira Lima, em seu artigo Sexo, poder e religião no período medieval: o gênero da violência em Castela do século XV, debruçou-se sobre documentações normativas emitidas pelos tribunais régios para discorrer sobre as (des)conexões entre as formas de violência, as sexualidades, os poderes monárquicos e os gêneros em termos teórico-conceituais e na historiografia dedicada ao medievo. Tomando como casos analíticos alguns exemplos que ajudam o leitor a refletir sobre como e por que as formas de violência foram “generificadas” ou não na documentação, especialmente em casos de adultérios femininos.

O dossiê aqui apresentado, portanto, abre caminhos analíticos para que os seus leitores se sintam estimulados a, a partir das suas próprias questões e interesses, conhecer um pouco mais sobre as contribuições, as leituras e releituras que têm acompanhado as obras afonsinas desde a Idade Média e o impacto que elas produziram nos períodos subsequentes ao medievo. Obras estas que transcendem os interesses e as demandas dos seus idealizadores e que, em sua constituição, trouxeram muito dos signos, dos símbolos e da mentalidade medieval.